

## O FEMINISMO NEGRO COMO SUJEITO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: a importância do feminismo negro na luta das mulheres negras

Bruna Mayara Moura de Andrade<sup>1</sup>

### RESUMO

O trabalho se propõe a analisar o modo como a mulher negra foi invisibilizada pelos movimentos feminista e negro, destacando o racismo e sexismo vivenciados por ela. Através de uma revisão bibliográfica, procura-se evidenciar a importância de articular as categorias de raça e gênero ao pensar a opressão da mulher negra, ressaltando a importância do feminismo negro no processo de articulação de políticas públicas.

**Palavras-chave:** Mulher negra; Feminismo negro; Políticas Públicas.

### ABSTRACT

The paper proposes to analyze how black women have been invisibilized by the feminist and black movements, highlighting the racism and sexism experienced by them. In addition to evidence the importance of articulating the categories of race and gender to think about the oppression of black women, emphasizing the importance of black feminism in the process of articulating public policies.

**Keywords:** Black woman. Black feminism. Public policies.

## 1 INTRODUÇÃO

Analisar a realidade da mulher negra configura uma tarefa complexa. Tarefa essa que por muitos anos esteve limitada a aspectos que apenas consideravam suas questões de raça ou gênero de forma separada. Desse modo, por muitos anos a mulher negra esteve apagada dos movimentos feminista e negro. Como resultado disso, a agenda política desses movimentos, pouco teve a ver com suas reais demandas.

A opressão experimentada pelas mulheres negras se dá de forma muito particular, tendo em vista que as questões de raça, classe e gênero afetam diretamente a suas condições de vida material, influenciando os aspectos sociais,

<sup>1</sup> Universidade Federal do Maranhão; Mestranda em Políticas Públicas; brunamayaraandrade@gmail.com.

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

econômicos, políticos e culturais. Essas questões colocam-se, no seu dia a dia, através de diversas formas de discriminação e manifestando-se através dos sistemas e instituições do Estado, que perpetuam a desigualdade de raça e de gênero.

Essa desigualdade resulta em dificuldade no acesso à políticas públicas, como educação, moradia, serviços de saúde e emprego, com a ocupação dessas mulheres em empregos precários e baixos salários. Da mesma forma, constrói-se estereótipos e preconceitos de gênero, além da sexualização das mulheres negras na cultura brasileira, que afetam a autoestima e a construção de sua identidade.

A partir disso, o que se coloca como objetivo desse trabalho, é destacar a particularidade da mulher negra e a importância que o movimento feminista negro tem nos avanços das pautas políticas dessas mulheres. Por meio de uma revisão bibliográfica, inicia-se fazendo um resgate sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira e, diante disso, analisar sua invisibilização nos movimentos sociais. Apontando, finalmente, a importância do feminismo negro nesse processo.

## 2 A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

O patriarcado formou a base da estrutura social brasileira, e, associado ao racismo, foi fundamental para estabelecer o “lugar social” de homens e mulheres negros. A experiência vivida por esses indivíduos, desde o navio negreiro, foi repleta de abusos físicos e psicológicos. Entretanto, é necessário destacar que a confluência do sexismo e racismo, contribuiu para intensificar a experiência da mulher negra escravizada.

Após serem retirados à força de seu continente, homens e mulheres negros eram transportados a bordo de navios de mercadoria, espremidos em compartimentos minúsculos, sem ventilação, sem higiene adequada e com alimentação restrita. Essas experiências traumáticas se configuraram como os primeiros passos de um processo de doutrinação, para transformar o ser humano africano livre em escravo (Hooks, 2019).

PROMOÇÃO



APOIO





Por ser transformada pelo homem branco escravizador em cozinheira e ama de leite, a mulher negra foi submetida de forma ainda mais intensa às torturas, na perspectiva de que ela adotasse uma postura passiva, dócil e amável, pois trabalharia diretamente com a família dos senhores. Dessa forma, “era crucial que ela fosse tão aterrorizada a ponto de se submeter passivamente à vontade do senhor, da senhora e das crianças brancas” (HOOKS, 2019, p. 44).

Na sociedade escravocrata e patriarcal, disseminava-se a ideologia da feminilidade, que “enfetizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis” (DAVIS, 2016). Ainda sob essa perspectiva, as mulheres eram seres frágeis, que deveriam ser protegidas. Entretanto, essa visão não se aplicava às mulheres negras.

Hooks (2019) aponta que no século XIX houve uma mudança de mentalidade dos homens brancos estadunidenses, no qual o distanciamento do fundamentalismo cristão transformou o modo de percepção das mulheres brancas. Desse modo, essas mulheres, antes consideradas sedutoras e pecadoras, passaram a ser vistas como virtuosas, desprovidas de desejos sexuais e inocentes. Dessa forma, a mulher ideal era descrita como

[...] uma esposa submissa cuja razão de ser era amar, honrar, obedecer e ocasionalmente entreter o marido, criar os filhos dele e administrar o lar dele. Fisicamente fraca e “concebida para ocupações menos laboriosas”, ela dependia de proteção masculina. A fim de assegurar essa proteção, ela era dotada de uma capacidade de “criar um feitiço mágico” para qualquer homem das proximidades. Era tímida e modesta, bonita e graciosa [...] Parte do seu charme está em sua inocência [...] (SCOTT, Anne, 1830-1930, apud HOOKS, 2019, p.86)

Davis (2016) aponta a chegada do século XX como um momento que marcou a junção ideológica do racismo com o sexismo de uma maneira inédita, colocando assim em evidência o desejo pela manutenção da supremacia branca e da supremacia masculina. Nesse mesmo ínterim, a ideia de que as minorias étnicas eram bárbaras e a mulher como figura maternal ganhou ainda mais força, abrindo espaço para uma campanha eugenista e sexista.

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Entretanto, é importante destacar que ao passo que a mulher branca se transformou em sinônimo de pureza, a exploração sexual da mulher negra cresceu de forma massiva, alimentada pela ideia de que eram devassas sexuais por natureza.

A escravidão desumanizou a mulher negra, pois, “como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório” (DAVIS, 2016, p. 17). Eram desprovidas de gênero, concebidas essencialmente como unidades de trabalho lucrativas (Davis, 2016). A escravidão e a formação patriarcal da sociedade desempenharam papel fundamental na concepção da mulher negra no imaginário social, de modo que suprimiam a sua condição de mulher.

Por conta do nível de exploração ao qual eram submetidas diariamente, as mulheres negras escravizadas adquiriram características que eram consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XIX (Davis, 2016), já que não havia, de forma geral, uma divisão do trabalho da mulher e do homem escravizados. Davis (2016) aponta que, embora uma parte dessas mulheres negras trabalhassem no ambiente doméstico, grande parte delas trabalhavam nas lavouras, sendo cobrada a mesma força e produtividade relativas ao trabalho do homem escravizado. Desta forma, é natural que essas mulheres não correspondessem às expectativas patriarcais do que seria considerado ser mulher.

A ex-escravizada Sojourner Truth, única mulher negra presente na Convenção de Mulheres em Akron, Ohio (1851) no seu discurso intitulado “Não sou eu uma mulher?” questionou a concepção de feminilidade

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à Luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher? (STANTON; ANTHONY et al, p. 19 apud DAVIS, 2016, p. 71.)

Ao pôr em questão a ideologia da feminilidade, Sojourner Truth também expôs o viés de classe e o racismo presente no movimento de mulheres (DAVIS, 2016). Por meio do seu discurso poderoso, Sojourner Truth foi capaz de transmitir os

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



anseios das mulheres negras, que resistiam diariamente não só à opressão racista, mas também à dominação sexista. Com os discursos e a presença constante em convenções realizadas, Sojourner era um lembrete constante de que as mulheres negras não eram menos mulheres que as mulheres brancas (DAVIS, 2016).

Como destaca Davis (2016), nem todas as mulheres eram brancas ou desfrutavam do conforto material da classe média e da burguesia. Como escravas, as mulheres negras trabalhavam e eram açoitadas da mesma forma que o homem negro escravizado, porém, sua particularidade reside no fato de que os seus corpos eram violados constantemente pelo estupro. Configurando uma situação particular, pois

As mulheres negras eram mulheres de fato, mas suas vivências durante a escravidão – trabalho pesado ao lado de seus companheiros, igualdade no interior da família, resistência, açoitamento e estupros – as encorajavam a desenvolver certos traços de personalidade que as diferenciavam da maioria das mulheres brancas (DAVIS, 2016, p. 39)

Nesse ponto, faz-se necessário romper com a visão romantizada que trata a exploração sexual de mulheres escravizadas (tanto negras como indígenas) como um mero processo natural de miscigenação, no qual os homens brancos acabavam se apaixonando pela escravizada. Quando, na realidade, como aponta Davis (2016, p. 36), “o estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros”. A autora refuta essa romantização ao apontar que

[...] dificilmente havia uma base para ‘prazer, afeto e amor’ quando os homens brancos, por sua posição econômica, tinham acesso ilimitado ao corpo das mulheres negras. Era enquanto opressores – ou, no caso dos que não possuíam escravos, enquanto agentes de dominação – que os homens brancos se aproximavam do corpo delas (DAVIS, 2016, p. 38)

A mulher escravizada vivia com constante medo e vigilância da iminente possibilidade de que fosse violentada sexualmente, pois a exploração sexual dessas mulheres era legitimada socialmente e o objetivo do estupro era colocar a mulher escravizada em absoluta submissão e obediência à ordem social vigente (Hooks, 2019). Portanto, quando não se submetiam por livre vontade às investidas dos senhores ou de seus capatazes, eram violentadas e punidas, como forma de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

demonstração de poder, já que recusar a investida do proprietário é desafiar o sistema (Hooks, 2019).

É justamente nesse aspecto que reside a peculiaridade da experiência da mulher negra escravizada, que de forma cruel teve seu corpo objetificado, colocando-a à mercê de seu proprietário branco, o que reverbera até os dias de hoje no imaginário social, no qual a mulher negra continua sendo sexualizada e objetificada.

Posto isto, destaca-se a necessidade de romper com a ideologia da feminilidade, que além de perpetuar uma cultura patriarcal e sexista, também retira da mulher negra a sua condição de mulher, por não atender às características idealizadas pela sociedade. Além disso, é importante salientar a importância do debate sobre as especificidades da experiência da mulher negra escravizada, de forma a não subestimar o impacto da interseccionalidade das opressões vivenciadas.

### 3 A INVISIBILIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS MOVIMENTOS FEMINISTA E NEGRO

Diante do exposto, coloca-se em evidência que a mulher negra está em um lugar social muito particular, o que significa que experimenta, de modo geral, vivências bem diferentes das mulheres brancas e dos homens negros. Sendo assim, torna-se necessário questionar até que ponto a agenda política do movimento feminista é eficaz no trato das opressões de mulheres não brancas. Da mesma forma, questiona-se o Movimento Negro, ao tratar sobre as questões de raça.

Carneiro (2003) destaca que o movimento de mulheres do Brasil é um dos mais respeitados do mundo, sendo referência fundamental em certos temas relacionados às mulheres no plano internacional. A autora destaca a potência deste movimento ao salientar que cerca de 80% de suas propostas foram contempladas na Constituição de 1988, mudando de forma radical o status jurídico das mulheres no Brasil.

A partir disso, Carneiro (2003) destaca a necessidade de combater as diversas formas de opressão e a urgência em incluir no movimento feminista contemporâneo a pauta da raça, ressaltando que o feminismo esteve, durante muito tempo, prisioneiro

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

da visão universalizante das mulheres, o que acarretou na incapacidade de reconhecer as peculiaridades presentes no universo feminino e no silenciamento de qualquer mulher que não fosse a mulher branca burguesa.

Nesse mesmo sentido, Davis (2016) destaca o modo como as opressões estão interligadas de forma sistemática e aponta a dificuldade que o movimento de mulheres do século XIX teve de integrar a sua consciência antiescravagista à análise que faziam da opressão das mulheres.

A dificuldade que a sociedade, de forma geral, tem de fazer uma análise interseccional acaba invisibilizando as mulheres negras, de forma que constantemente nega o seu lugar de fala, silenciando-as. Como aponta Crenshaw (1990),

As mulheres não-brancas estão diferentemente situadas nos mundos econômico, social e político. Quando os esforços de reforma empreendidos em nome das mulheres negligenciam esse fato, as mulheres não-brancas têm menos probabilidade de ter suas necessidades atendidas do que as mulheres que são racialmente privilegiadas (CRENSHAW, 1990, p. 1250)

Davis (2016) aponta a falta de uma análise interseccional ainda no embrionário movimento das mulheres, exemplificando a Declaração de Seneca Falls, documento baseado na Declaração de Independência dos Estados Unidos, que

Tratava-se do resultado teórico de anos de contestações inseguras e muitas vezes silenciosas, voltadas a uma condição política, social, doméstica e religiosa, que era contraditória, frustrante e claramente opressiva para as mulheres da burguesia e das classes médias emergentes (DAVIS, 2016, p.64)

A autora ressalta que a Declaração ignorou a situação das mulheres brancas da classe trabalhadora, assim como a condição das mulheres negras, levando em consideração, portanto, apenas a condição feminina da classe à qual as autoras pertenciam (DAVIS, 2016). Enquanto o foco da Declaração de Seneca Falls era a instituição do matrimônio e seus efeitos prejudiciais às mulheres, as mulheres operárias eram expostas a jornadas extremamente longas e condições de trabalho desumanas. Considerando isso, Davis (2016) evidencia que as mulheres trabalhadoras experimentam e desafiam a supremacia masculina de modo particular. E que, por mais que nos anos 1840, essas mulheres fossem líderes da militância

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



operária nos Estados Unidos, o seu pioneirismo foi ignorado pelo movimento de mulheres que surgia.

Em se tratando das mulheres negras, Davis (2016) aponta que não havia nenhuma na audiência da Convenção, e que os documentos não faziam nenhuma espécie de menção a elas, apesar de que no Sul, elas resistiam à escravidão, e no Norte lutavam contra o racismo (DAVIS, 2016).

O que Davis (2016) evidencia é o racismo presente no movimento pelos direitos das mulheres, assim como a falta de críticas ao sistema econômico capitalista. Aponta, dessa forma, como uma falha dessas líderes o não reconhecimento da relação entre as opressões, pois elas “não suspeitavam que a escravização da população negra do sul, a exploração econômica da mão de obra do norte e a pressão social das mulheres estivessem relacionadas de forma sistemática” (DAVIS, 2016, p. 75).

Ainda nessa perspectiva, Hooks (2019) relata a dificuldade das mulheres negras nesse momento, pois elas não se sentiam representadas pelas ativistas brancas e tampouco pelos homens negros que clamavam pelo sufrágio; desse modo,

As mulheres negras foram colocadas entre a cruz e espada; apoiar o sufrágio das mulheres significaria que elas estavam se aliando às mulheres brancas ativistas que revelaram publicamente seu racismo, mas apoiar apenas o sufrágio dos homens negros era endossar uma ordem social patriarcal que não daria a elas qualquer voz política (HOOKS, 2019, p. 21)

Assim, mais uma vez a mulher negra é silenciada pela intersecção das opressões que a aflige. Com isso, muitas ativistas negras apontaram o perigo do cruzamento dessas opressões, visto que conceder o voto apenas para o homem negro, reforçaria o sistema patriarcal, e colocaria as mulheres negras em uma posição de subserviência, sendo submetidas ao desejo do homem negro e sem a possibilidade de voz política. Apesar disso, não poderiam também desconsiderar o racismo presente nos discursos das líderes brancas que se posicionavam contra o sufrágio do homem negro. A partir disso, Sojourner destacou em um de seus discursos que “tanto a opressão sexista quanto a opressão racial eram uma ameaça real à liberdade da mulher negra” (HOOKS, 2019, p. 22).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Cumprir, também, à luz do que foi exposto por Hooks (2019), o sexismo presente no movimento pelos direitos civis nos anos 1950, quando homens e mulheres negros se uniram para lutar por equidade racial. Ela destaca que as mulheres negras não receberam o devido reconhecimento pela luta e que em nenhum momento a estrutura patriarcal foi questionada (HOOKS, 2019). Ao contrário, os ativistas reforçaram os estereótipos misóginos, limitando a participação das mulheres negras à posição de subserviência, cumprindo papéis com padrões sexistas, colocando-as para atender “às necessidades do lar e gerar guerreiros para a revolução” (HOOKS, 2019, p. 23). Dessa forma, a mulher negra foi colocada à margem desse movimento, tornando irrelevante as opressões que sofria. Assim, um movimento que deveria significar sua libertação e emancipação, acabou se tornando mais uma ferramenta de exclusão.

As mulheres negras não se veem representadas na mulheridade retratada no movimento feminista, ao passo que também não se enxergam no movimento negro, como um grupo à parte. Como afirma Hooks (2019, p. 27), “quando falam de pessoas negras, o foco tende a ser homens negros; e quando falam de mulheres, o foco tende a ser mulheres brancas”. Percebe-se, dessa forma, que a inclusão de demandas das mulheres negras nos movimentos sociais dos quais faz parte, é uma luta constante.

## 4 A IMPORTÂNCIA DE ENEGRECER O FEMINISMO

Levando em consideração o que foi exposto até o momento, destaca-se a necessidade de uma vertente que leve em conta as particularidades das diferentes categorias de mulheres, para que se construa uma agenda política que obtenha sucesso na superação das opressões. Posto isso, destaca-se a importância de uma análise interseccional no trato das formas de combate às opressões que afetam as mulheres negras.

Sendo assim, Carneiro (2003) expressa a importância de enegrecer o feminismo, que seria

[...] a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta anti-racista no Brasil (CARNEIRO, 2003, p. 118)

Mulheres negras possuem demandas específicas, por conta do intercruzamento das suas diversas formas de opressão (raça, classe, gênero, etc). Desse modo, necessitam de uma perspectiva que vá além da questão de gênero, que é o que vinha ocorrendo nos movimentos das mulheres. Ao enegrecer o feminismo, torna-se possível ampliar a concepção do que significa ser mulher, mais especificamente, o que significa ser mulher negra. Consoante a isso, também coloca-se a necessidade de incluir o elemento de gênero na agenda dos movimentos negros.

A partir disso, a agenda política de combate à discriminação de raça e de gênero se torna mais efetiva, e por consequência, torna-se palpável a elaboração de políticas públicas que de fato alcancem esse público.

Mostra-se, assim, a importância que o feminismo negro assume, na luta pelos direitos de mulheres negras, colocando em evidência suas pautas políticas. A percepção da invisibilidade das mulheres negras dentro dos movimentos sociais levou à organização dessas mulheres, que reivindicam o seu reconhecimento enquanto sujeito político e do seu ativismo dentro dos movimentos dos quais faziam parte.

Um exemplo que podemos destacar é da Lélia Gonzalez, que retratou o sexismo presente no Movimento Negro, apontando que

Todas nós, sem jamais termos nos distanciado do movimento negro, continuamos a discutir as nossas questões específicas junto aos nossos companheiros, que muitas das vezes nos tentavam excluir dos níveis de decisões, delegando tarefas mais “femininas”. Desnecessário dizer que o MN não deixava (e nem deixou ainda) de reproduzir práticas originárias mistas, sobretudo no que diz respeito ao sexismo (RATTS; RIOS, 2014 apud GONZALEZ, 1985, p. 100)

Com isso em mente, surgiu a necessidade de articular um grupo que fosse independente do movimento negro, o Nzinga Coletivo de Mulheres, do qual Lélia foi

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



a primeira coordenadora, e tinha como objetivo trabalhar com mulheres negras de baixa renda (Ratts; Rios, 2014). O coletivo alcançou o que muitos movimentos desejavam, mas não conseguiam: se aproximar das camadas menos favorecidas da sociedade, visto que

[...] a experiência do Nzinga alcançou algo singular: de um lado, formou-se um agrupamento político de mulheres de diferentes posições sociais (moradoras do morro e de bairro de classe média, trabalhadoras manuais com baixa escolaridade e mulheres universitárias); de outro, reuniram-se experiências diversas de formação associativa (mulheres oriundas do movimento feminista, do movimento negro e dos movimentos de bairro e de favelas etc.) (RATTS; RIOS, 2014)

O Coletivo foi, então, de fundamental importância, pois articulou as categorias de raça, classe e gênero, ao aglutinar mulheres negras das mais diversas camadas sociais. Dessa forma, Lélia deu voz a essas mulheres, e denunciou o racismo presente no movimento de mulheres e o sexismo presente no movimento negro, colocando em evidência a particularidade da mulher negra.

## 5 CONCLUSÃO

As experiências das mulheres negras não podem e não devem ser analisadas separadamente sobre o olhar da discriminação racial, de gênero ou de classe, visto que elas não são vivenciadas de forma separadas no cotidiano, mas sim sobrepostas. É necessário destacar que essas mulheres estão inseridas numa sociedade racista e patriarcal, o que a coloca na base da pirâmide socioeconômica, vindo abaixo da mulher branca, do homem negro e do homem branco (Toledo, 2005).

No cotidiano, essas mulheres não vivenciam essas opressões uma de cada vez, por isso os movimentos antirracista e feminista não podem ser separados, assim como as demandas não devem ser hierarquizadas. Raça, gênero e classe não podem, de maneira alguma, serem vistas como questões mutuamente excludentes. É de suma importância compreender, que todas essas questões são fatores que contribuem para acarretar desigualdades, e abstrai-los da análise faz com que as

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



opressões não sejam superadas de forma plena. A interseccionalidade se manifesta como uma possibilidade de superação dessa invisibilidade que os grupos marginalizados experimentam, pois, “oferece uma oportunidade de fazermos com que todas as nossas políticas e práticas sejam, efetivamente, inclusivas e produtivas” (CRENSHAW, p. 16, 2004), reconfigurando as ações dos movimentos sociais e da sociedade de modo geral.

Ao compreender as políticas públicas a partir do conceito de Farah, “como um curso ou ação do Estado orientado por determinados objetivos, refletindo ou traduzindo um jogo de interesses” (2004, p. 47), percebe-se de forma ainda mais evidente a importância do Feminismo Negro enquanto sujeito das políticas públicas. Tendo em vista que esse movimento apresenta para o Estado e para a sociedade as demandas desse público.

Tendo em vista o que foi exposto, aponta-se como principal falha dos movimentos antirracista e feminista, a incapacidade de comunicação com os diversos grupos que os integram (dentre eles, o de mulheres negras), e, portanto, a dificuldade de estabelecer a relação entre as diversas formas de opressão. Depreende-se, portanto, a importância de se realizar uma análise interseccional para a compreender de que modo as opressões de gênero, raça e classe recaem sobre a mulher negra.

Sendo assim, o feminismo negro torna-se de suma importância na luta pelos direitos dessas mulheres negras. O feminismo negro evidencia a raça e o gênero como importantes fatores para analisar a opressão dessas mulheres, além de destacar a invisibilização delas dentro dos movimentos feminista e negro. Destacando, assim, as mulheres negras como sujeitos políticos.

A partir dessa forma de análise, os movimentos sociais, assim como a sociedade em geral, conseguem desvencilhar-se da ideia universalizante de mulher e de pessoa negra, e, desse modo, produzir um pensamento crítico que abarque as particularidades desses sujeitos. Construindo, dessa forma, um pensamento feminista negro.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem**, p. 7-16, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stan. L. Rev.**, v. 43, p. 1241, 1990. Tradução disponível em: <https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/>. Acesso em 15 nov. 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FARAH, M. Gênero e Políticas Públicas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro-abril/2004.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo., 1ª ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. Selo Negro, 2014.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005.

### PROMOÇÃO



### APOIO

